

In Cordibus Nostris

ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA

Retiro Mensal da Família Passionista no Brasil • Ano VI • Edição 10 • OUTUBRO 2025

A PAIXÃO DE CRISTO MARCADA NO SEIO DA FAMÍLIA

**"O mistério da Cruz do Cristo deve ser
inspiração e alívio nos sofrimentos
familiares e pessoais."**



**Pe. Henrique Evangelista
de Oliveira, cp**

Missionário Passionista, Superior da
Província da Exaltação da Santa Cruz;
bacharel em Filosofia, graduado em
Teologia e Mestre em Teologia Moral.

A Paixão de Cristo na Igreja Doméstica

Como ponto de partida para nossa reflexão desse mês, vale precisar bem nossa vinculação com a pessoa de Jesus Cristo: a vocação batismal. Fomos chamados à vida pelo 'sopro' do Criador e, após nosso nascimento, a maior graça que recebemos foi o sacramento do Batismo. O texto mais importante sobre a teologia do batismo cristão no Novo Testamento é o capítulo sexto da carta de São Paulo aos Romanos. Nele o apóstolo afirma que pelo batismo participamos do mistério pascal de Cristo. Ou seja, pelo batismo participamos da paixão, morte, sepultura e ressurreição de Cristo.

Quando somos mergulhados nas águas do batismo tornamo-nos uma nova criatura. É por demais consoladora a imagem metafórica de que pelo batismo fomos "enxertados em Cristo". Quando fazemos um enxerto em uma planta, cortamos uma primeira em determinada parte de seu caule e depois colocamos sobre o corte o caule de uma outra e fazemos uma atadura. A partir de então, a

planta enxertada passa a ser alimentada pela seiva do caule que, de suas profundas raízes, provê o sustento vital. Assim, não são mais duas plantas, mas uma coisa só. Ou seja, pelo batismo nós e o Cristo somos uma coisa só, de modo que, uma vez enxertados Nele, Ele está sempre conosco nas alegrias, vitórias, fracassos, sofrimentos... "É Cristo que vive em mim" (Gal 2,20).

Nessa mesma ótica, o sofrimento do cristão adquire uma nova mística: é uma 'participação nos sofrimentos de Cristo', como nos exorta São Paulo:

"Anseio pelo conhecimento de Cristo e do poder de sua Ressurreição, pela participação em seus sofrimentos, tornando-me semelhante a ele na morte" (Fl 3,10). Assim, a própria morte de um cristão não é simplesmente um 'deixar de existir', mas uma participação na morte de Cristo.

A história de cada um de nós é um verdadeiro dom, com erros e acertos inerentes à nossa condição humana. Segundo a filosofia personalista e a antropologia cristã somos seres irrepetíveis, únicos. Nesse mesmo âmbito está a identidade da família que enquanto fundamento tem a

mesma raiz, mas particularidades e singularidades diversas. Mas dentre tantos momentos que perpassam notoriamente a história de toda família está a 'liturgia do sofrimento humano'. Digo 'liturgia' porque o sofrer é também um rito. Por certo, a primeira grande tentação diante do sofrimento é deixar: deixar o esposo, a esposa, os pais, os filhos, a casa, o trabalho, a Igreja, deixar Deus...

À luz da razão pura, o sofrimento é visto como um martírio, um grande tormento, uma frustração. Já na lógica da fé encontramos força para perseverarmos, e até sentido: "É preciso que passemos por muitos sofrimentos para entrar no Reino de Deus" (At 14, 22). Motivação essa que nos impele à esperança das alegrias eternas, onde "Deus enxugará todas as lágrimas dos seus olhos. A morte não existirá mais, e não haverá mais luto, nem choro, nem dor, porque passou o que havia antes" (Ap 21,4).

Os sofrimentos não são mais do que parte da vida e a vida não existe sem sofrimento. Catequeticamente, na iconografia católica, os mártires cristãos são representados segurando os instrumentos de seu martírio: São Paulo é retratado segurando a espada que o levou à decapitação, São Judas Tadeu ostenta o machado que ceifou sua vida, Santa Luzia segura os olhos que lhe foram arrancados, São Sebastião aparece com o corpo traspassado por flechas. É uma representação didática que nos faz refletir que os santos suportaram terríveis sofrimentos e foram vitoriosos, permanecendo como testemunhas que perseveraram até o fim.

Jesus quando chama seus discípulos não os convida a uma fuga do sofrimento, ao contrário, quem o quiser seguir deve 'renunciar a si mesmo, tomar a sua cruz e caminhar em seu seguimento' (Cf. Lc 9,23). Ou seja, o cristão deve levar sua cruz de cada dia, como os santos o fizeram.

É preciso ainda ter lucidez para entender que cada um tem a sua cruz. Ter em conta que o que pode ser 'cruz' para um, pode não ser para outro. Um exemplo muito simples seria a solidão que pode ser um tormento para tantos e para muitos não é (como nós passionistas que a temos como um pilar em nossa Congregação, lugar de contemplação da Paixão do Senhor, como que uma oficina da espiritualidade, espaço escolar de um gênio).

Por outro lado, é importante de se perceber que a 'liturgia do sofrimento' é uma ocasião de redenção dentro da família. Quando um ente adoece, a família logo se une, se ajuda, se visita mais, supera tantos desentendimentos, se perdoa... Às vezes, sem mesmo perceber, em meio ao sofrimento uma graça salvífica está por florescer dentro da família.

Desde o início da história da salvação Deus não se coloca alheio ao sofrimento dos seus filhos: "Eu vi a miséria do meu povo (...) Eu ouvi seu grito (...) Eu descí para libertá-lo" (Cf. Ex 3, 7-8). Um testemunho belo do Antigo Testamento é a história da família judaica de Tobias que vivia em Nínive, no exílio. O pai Tobias, a mãe Ana e o filho Tobias eram membros de uma família fiel a Deus e que praticava obras de misericórdia como sepultar, às escondidas, os corpos dos judeus mortos que eram abandonados nas ruas.

Essa família fiel a Deus também conheceu o sofrimento humano, a discriminação racial, a perseguição, as ameaças de morte e, finalmente a cegueira do velho Tobias. E foi justamente na oração que essa família judaica encontrou a força para permanecer fiel ao Senhor no sofrimento e enfrentá-lo com coragem.

A fidelidade de Deus é eterna. Ele está sempre do nosso lado.

Se muitas vezes não nos livra dos sofrimentos, Ele está sempre ao nosso lado nos fortalecendo para enfrentá-los. "Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei!" (Mt 11,28)

Outro considerável fator diante do mistério do sofrimento humano é o amor. Quanto mais for a intensidade do amor, tanto maior será o sofrimento. É claro que amar e sofrer não são a mesma coisa, mas ambos estão estreitamente vinculados. Sofremos pelo que amamos. Quando amamos sofremos por medo de perder, por medo de acabar o amor. Nessa lógica entendemos o sofrimento dos pais pelo medo de perder os filhos. O desejo dos filhos em amenizar o sofrimento dos pais... As causas que envolvem demasiado amor implicam também grandes desassossegos, grandes sofrimentos, assim como enxergam os poetas que 'amar é padecer no paraíso'... Ou seja, o amor implica sofrimentos enquanto o sofrimento é vivido como uma oblação de amor.

O mistério da Cruz do Cristo deve ser inspiração e alívio nos sofrimentos familiares e pessoais. E a cruz do Filho pensada trinitariamente se torna ainda mais 'escandalosa' por ter o Pai como agente principal, o Filho como solidário à humanidade e o Espírito como reconciliador de tudo. "Quem ama a Jesus tem força suficiente para sofrer qualquer cruz. Quem ama verdadeiramente sofre com alegria" (Santa Gemma Galgani). Um passionista deve fazer de sua cruz 'memória da paixão de Jesus', espaço de redenção e oportunidade de salvação.

Contato por e-mail:

espiritualidadepassionista@gmail.com

EXPEDIENTE

Equipe de Espiritualidade da FPB

Pe. Bruno Maciel da Silva Brito, cp - Província da Exaltação da Santa Cruz;
Ir. Jaqueline B. de Oliveira, cp - Província São Gabriel; **Cl. Luiz Carlos Rodrigues da Silva, cp** - Província Getsêmani; **Ir. Maria Irene da Silva, cp** - Província Rainha da Paz; **Maria do Socorro Marcos da Silva** - CLP - Província Getsêmani; **Ir. Rosana Bertachi, cp** - Província Imaculado Coração.



Família Passionista
OUTUBRO 2025

1 - Recordação do Servo de Deus Pe. Ignatius Spencer, cp;
6 - Memória do Beato Isidoro de Loor, cp;
9 - Memória de S. Inocêncio Canoura Arnau, cp;
Recordação do Servo de Deus Pe. Theodore Foley, cp
18 - Trânsito de São Paulo da Cruz, às 16h45 do dia 18 out. 1775;
19 - Solenidade de São Paulo da Cruz, Fundador da Congregação Passionista;
22 - Recordação da Venerável Me. Leonarda Boidi, Monja, cp